

**UM OBJETO E DUAS VISÕES: MÉDICOS E ENGENHEIROS
OBSERVAM A CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE (1910/1920)**

Chyara Charlotte Bezerra Advíncula
Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco
chyaraufcg@hotmail.com

Formada de sonhos, desejos, idéias, angústias, experiências, rostos anônimos ou não, labirintos, memórias, nomes, datas, passado, presente e, talvez, futuro. São estes e muitos outros elementos que nos auxiliam na construção e reconstrução de uma cidade, seja ela moderna ou tradicional. Um grande quebra cabeça interminável, porque o tempo inspira a criatividade humana e esta cria e recria, significa e ressignifica novas e velhas peças. São muitos tempos que se integram e muitas vidas a formar teias de relações. Uma interação necessária para o historiador que procura fazer a história da cidade. Aqui a intercomunicação com os tempos é imprescindível, pois só assim a história poderá ser renovada. E nesse grande emaranhado de fios que colocamos em relação não poderíamos deixar de expor que a cidade é “a grande morada dos homens”¹. Homens estes, que nos emprestam suas experiências e visões de mundo para que possamos construir histórias sobre suas maneiras ver, pensar e sentir a cidade. E é aí que se encontra “[...] a dificuldade de fazer a história da cidade, pois cada um dos que a vivem realiza com essa cena cotidiana uma montagem que lhe é própria, consoante os seus hábitos perceptivos, a sua cultura sensível [...]”². Em uma palavra, Chartier diria que cada indivíduo se apropria de um modo particular dos bens culturais, sejam eles materiais ou imateriais. Assim, inferimos que nosso trabalho tem como uma de suas metas perceber a inter-relação entre o novo e o arcaico, ou seja, como a modernidade se processou em uma cidade cuja característica predominante era o colonialismo.

Diante disso, lembramos que a implantação da modernidade na cidade da Parahyba do Norte (atual João Pessoa) se deu, para usar uma nomenclatura da época, por meio dos seguintes “melhoramentos urbanos”: luz elétrica, bonde, sistema de abastecimento de água, calçamento de ruas, construção de edifícios e avenidas, entre outros. Dessa maneira, explicitamos que nosso trabalho se debruça sobre o conjunto de práticas e concepções culturais dos homens e mulheres da cidade de Parahyba do Norte

(1910 - 1926) tentando perceber o impacto que a implantação de um serviço de distribuição em rede, a do sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, promoveu nas sensibilidades³ dessas pessoas. Um equipamento moderno que auxiliou as iniciativas médico sanitaristas a “educar o povo na prática da boa higiene”⁴. Concomitantemente, provocando novas sensibilidade, ou seja, hábitos e costumes naqueles que experienciaram a execução de tal obra, a qual se dava como última palavra em matéria de sanitarismo, higienismo, urbanismo e saúde pública. Ao tomar para si a empreitada de implantar no cenário urbano alguns elementos modernos, os administradores públicos da Paraíba, parecem ter por intenção mudar hábitos e costumes daqueles que habitavam a capital, os quais, segundo um articulista do jornal “*A União*”, tinham o “costume de deixarem-se aqui, acolá, nos cantos de praças e ruas, bagaços de cana, casca de amendoim, etc”. Para o nosso informante, fazer mudar este tipo de hábito “não é [dever somente] da imprensa que nem todos lêem; é dever de quem quer que tenha bom e nobre intuito de concorrer para a [...] educação popular”⁵. Ao que tudo indica, a Parahyba⁶ estava em meio a um processo civilizador dos costumes. E nesta busca pelo progresso e pela civilização cogitava-se não só uma rede de água potável mas também uma rede de esgoto. Esta última, foi idealizada em 1913 pelo engenheiro Saturnino de Brito, o qual na época já havia se consolidado como um dos principais engenheiros sanitaristas do Brasil. Nessa época, devido ao volume de projetos realizados no Brasil, todos os governos desejavam ter as obras de saneamento de suas capitais assinadas por este profissional. Tanto é assim que, quando Brito veio à capital paraibana em 1913 teve que deixar o comando, por alguns dias, dos trabalhos que estava realizando na “vizinha capital do sul”, ou seja, Recife. Com essa viagem, o engenheiro fez as análises topográficas e, com base nelas, elaborou o primeiro projeto de saneamento da cidade da Parahyba do Norte.

Tendo em vista a informação de que o dever de educar a população não só é da imprensa, até porque nem todos tinham acesso a ela, fica evidente que o projeto civilizador, levado a efeito pelas ações higienistas, era um projeto das *elites*. Estas conheciam de algum modo as mudanças de concepções que informavam as iniciativas de cunho sanitarista, bem como as formas de remodelações urbanas que vinham sendo

colocadas em práticas nas principais cidades européias já na primeira metade do século XIX. Nesse sentido, as reformas urbanas levadas a cabo em cidades como Paris e Londres se processaram quando a concepção de higiene ainda era impregnada dos preceitos da teoria miasmática⁷. Conquanto, a teoria microbiana só veio a desenvolver-se com maior vigor em fins do século XIX, a qual não promoveu de imediato mudanças nos hábitos e costumes do povo que tinha suas próprias formas de preservar-se quanto às doenças. Tomando como ponto de partida estas informações, percebemos que no caso do Brasil muitas reformas urbanas no início do século XX já faziam uso dos preceitos microbianos, a exemplo da reforma urbana do Rio de Janeiro que ficou a cargo de Oswaldo Cruz. Mas isso por parte das autoridades de higiene, refletidas nas ações que implementavam para combater as epidemias, o que não significa que seus preceitos fossem de conhecimento geral.

Na capital paraibana, em meados da década de 1910, as práticas higienistas ainda se faziam de forma precária. Foi neste momento que o presidente João Machado⁸ começou a pôr em prática um projeto de modernização, com a implantação da luz elétrica, bonde de tração animal e sistema de abastecimento de água. Porém, as necessidades da cidade de Parahyba do Norte, em termos de higiene, não condiziam com o que se esperava de uma cidade que se pretendia moderna, necessitando assim de novas investidas em termos de higiene pública. Era preciso ampliar os serviços de infraestrutura que haviam sido aplicados pelo governo de João Machado. Nesses termos, constatamos que o sistema de abastecimento de água recém implantado se mostrava em deficiência devido à má qualidade do líquido que chegava às torneiras. O mesmo vinha mesclado com significativa quantidade de ferrugem, o que o desqualificava para certos usos. Além do mais, a cidade era desprovida de uma rede de esgotamento sanitário, o qual, mesmo existindo na forma de projeto desde 1913, elaborado pelo engenheiro sanitário Saturnino de Brito⁹, quase não saiu do papel. Após esta data, as tentativas de dotar a cidade de uma rede de esgoto, vinham precedidas de uma análise detalhada do projeto de Saturnino de Brito. Com base no projeto de Brito, temos o relatório apresentado ao sr. Acácio Pires, ex-chefe da higiene federal na Paraíba, no qual o engenheiro agrimensor Antonio de Andrade explana algumas análises destinadas ao

saneamento da cidade e revela que o ar da mesma era corrompido pelas “[...] emanações dos pântanos que circundam esta capital [...]”¹⁰. Tal relatório, assim como outras fontes, trazia indícios de que o império dos miasmas ainda não havia desmoronado por completo, pois a referência aos odores nauseantes e mefíticos era constante.

Diante do exposto, explicitamos que nosso trabalho procurou problematizar a relação entre as teorias miasmática e microbiana e as mudanças e/ou permanências dessas idéias nas ações higienistas levadas a cabo pelos técnicos encarregados da implantação dos serviços de água e esgoto em rede. Para tanto, procuramos analisar historicamente o impacto destas concepções sobre hábitos e costumes cotidianos das pessoas ou grupos sociais. A partir disso, passamos a supor que quarenta anos de estudos comprobatórios, levados a efeito pelos seguidores de Pauster em defesa da microbiologia, não foram suficientes para promover uma mudança radical nos comportamentos que estavam tão bem acomodados na tradição e nos preceitos miasmáticos. Nessa empreitada, procuramos perceber as permanências/tradição de mais de um século das idéias miasmáticas e as mudanças ocorridas devido à chegada de novos métodos de intervenção higiênica, no caso a teoria microbiana. Nosso trabalho não se contentou apenas com as percepções dos letrados, seus desejos e suas contradições em torno dos planos modernizantes, buscou também filtrar por meio do discurso destes, as práticas e usos das pessoas de outros grupos sociais. Queríamos saber como a jornada de progresso e da civilização havia sido percebida por outros.

Assim, para a elaboração da nossa narrativa buscamos utilizar diversas fontes como: relatório da obra, mensagens presidenciais, jornais impressos, fotografias e revistas. Em todo caso, lembramos que nossa fonte principal são os periódicos, bem como a fotografia que neles vêm estampada. A nossa pretensão, ao realizarmos este trabalho, não é buscar a verdade absoluta dos acontecimentos, mas analisá-los por meio das angústias e ansiedades que o presente nos impõe. Com base nisso, inferimos que nossa busca pelo passado se faz quando tentamos nos aproximar do fato ocorrido, ou seja, a verossimilhança. Dando prosseguimento ao relato das fontes, inferimos que os periódicos e, principalmente, a fotografia são fontes recheada de códigos, símbolos e significados, os quais apenas necessitam de um olhar mais atento e analítico do

historiador para mostrar todos os seus meandros. A fotografia, por exemplo, por traz do efeito mágico que produz sobre o observador, esconde vivências, expectativas, desejos e sonhos. Em um primeiro olhar, o espetáculo que a fotografia lança sobre quem a observa tende a apagar as ambigüidades que sua imagem engendra. Para se analisar tal fonte, o historiador precisa ser, diria um micro historiador, um detetive perspicaz porque ela, ao mesmo tempo em que parece a tudo expor, omite e escamoteia, significados, representações e relações vividas. Todavia, a imagem, ou qualquer outro documento, por si só não nos revela a gama de relações e significados neles contidos, nem mesmo as intenções de quem congelou aqueles momentos, as cenas ou as vivências cotidianas da cidade. Para captá-la devemos operacionalizar o entrecruzamento de fontes, saber o momento e o espaço em que a foto foi produzida. A partir desta operação é possível ter uma noção da mensagem que o olhar do fotógrafo congelou para a posteridade. É bom lembrar que o olhar desse profissional ao clicar uma cena do cotidiano ou algum momento específico da história da cidade, se apresenta como um filtro cultural, pois direciona sua lente de acordo com seus valores culturais ou do grupo ao qual pertence¹¹. Tanto a imagem como qualquer outro documento escrito, não é a expressão fiel da realidade como pensavam os positivistas no século XIX. Produzem efeitos de verdade, ou melhor, aquilo que os historiadores culturais hoje chamam de verossimilhança. Na atualidade temos uma maior compreensão de que as coisas são fluidas. Não se apegam a regras ou fórmulas infalíveis. A maior parte do percurso é guiado pelo acaso.

Pelas regras da nossa pesquisa pretendíamos visitar diversos jornais do início do século XX. Todavia, somente o acervo do Arquivo Público da Paraíba estava disponibilizado para pesquisa, por isso, a maior parte das nossas fontes foi referendada pelo jornal *A União*. Outrossim, aqui e acolá usamos referências do jornal *O Norte, A Notícia ou Gazeta da Parahyba*, por encontrá-los em anexo de dissertações ou mesmo em pesquisas de outrens. Em todo caso, se o arquivo da Curia Eclesiástica tivesse disponível para pesquisa talvez os caminhos trilhados por nós tivessem tomado outro rumo. De qualquer forma, procuramos com o que tínhamos montar algumas representações sobre a cidade. Ora nos deixamos guiar pelo olhar dos médicos; ora seguimos os dados técnicos dos engenheiros, sem descurar, é claro, dos

posicionamentos da população que vivia aquela cidade. A escolha daquele momento, 1913 a princípio, estava ligada à celeuma que houve entre médicos e engenheiros quanto às causas da insalubridade da água que era dada ao consumo na cidade da Parahyba do Norte. Contudo, nosso trabalho não estaria completo sem algumas referências ao primeiro sistema de abastecimento de água em rede, idealizado pelo engenheiro Miguel Rapozo, no governo de João Machado. Nesse sentido, ampliamos o recorte temporal para 1910, ano em que Rapozo começou a implantar o primeiro serviço de abastecimento de água em rede. Fora a ampliação do recorte temporal, faz-se necessário algumas considerações sobre o marco teórico utilizado na confecção do nosso trabalho.

Para construir nosso objeto, procuramos nos ancorar em duas categorias de análise de Roger Chartier, representação¹² e apropriação¹³. Estes conceitos, embora tenham sido utilizados pelo autor para fazer a história da leitura, nos auxiliou na decifração dos códigos e comportamentos dos diversos campos sociais que formavam a capital paraibana do início do século XX. Um espaço cujas práticas sociais e suas representações, quando postas em combate revelou-nos angústias, ansiedades, pensamentos e significados outros que julgávamos não mais existir, como por exemplo, a teoria miasmática. Desse modo, ao percebermos que as representações no campo da higiene eram impregnadas por tradições seculares que rivalizavam com os novos conhecimentos, buscamos problematizar as relações entre o novo e o arcaico, o moderno e a tradição. Para isso, usamos o trabalho de Antonio Paulo Rezende, que em sua tese de doutorado sobre as mudanças urbanas na Recife dos anos de 1920, combina o conceito de imaginário social, que é operacionalizado por Castoriadis, com as críticas benjaminianas quanto à sociedade moderna para captar as tensões e incertezas identificadas na relação entre o moderno e o tradicional, na qual a elite recifense estava mergulhada. Por fim, nosso trabalho estaria incompleto se não expuséssemos nossas aproximações no campo das sensibilidades. As sensibilidades para Gervácio Batista Aranha estão ligadas a reeducação dos sentidos dos grupos ou indivíduos que moram e vivem a cidade. Historiograficamente falando, encontramos alguns trabalhos que discorrem sobre a cidade da Parahyba do Norte e, em sua maioria, debatem sobre os

signos da modernidade, assunto que também procuramos desenvolver nesta dissertação.

Para tanto, deixamos ao leitor um convite a leitura dos capítulos dessa dissertação. Nela poderá ser encontrado um inventário sobre as águas consumidas na capital paraibana antes do projeto de distribuição em rede. Nela procuramos mostrar outras formas de abastecimento de água, bem como o movimento de aguadeiros vendendo o líquido de porta em porta. Além da prática de vendagem de água em domicílio o leitor poderá observar as disputas entre médicos e engenheiros em torno do problema das águas que eram consumidas na cidade da Parahyba do Norte em 1913. Este trabalho ainda se esforçou em demonstrar os elementos técnicos da engenharia sanitária de Saturnino de Brito. Com base no relatório da obra de saneamento da cidade da Parahyba do Norte, analisamos as idéias desse engenheiro que elaborou o projeto de esgotamento sanitário, o qual só foi concretizado na década de 1920. Por meio dos esgotos, acreditavam os engenheiros serem capazes de erradicar possíveis focos de epidemias que os amontoados de excrementos e águas estagnadas poderiam causar. Dentre outras discussões no campo da intervenção do meio urbano discorremos sobre o projeto de arborização e o acúmulo de lixo nos quintais e vias públicas. Tais medidas faziam parte das ações dos médicos e engenheiros seguidores da teoria miasmática. E por último mostramos os métodos de intervenção guiados pelo Regulamento de Higiene, o qual estava pautado nos preceitos microbianos. Assim, discutimos sobre vacinação antivariólica e outras medidas levadas a efeito pelos delegados de higiene. Isso posto, convidamos o leitor para conhecer um pouco a história do saneamento da cidade da Parahyba do Norte do início do século XX.

Notas

1 Cf. REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 21.

2 Quando diz isso, Alain Corbin está se referindo as dificuldades de se fazer a história das sensações, isto é, dos ruídos, dos cheiros, etc. Todavia, quando resolvemos citá-lo temos em mente que suas palavras se estendem aos trabalhos que buscam identificar as mudanças de comportamento e de atitudes dos homens e mulheres que vivem ou viveram a cidade. Tais mudanças, certamente, promoveram muitas sensações, as quais o historiador não deve deixar de lado. Cf. CORBIN, Alain. *Do Limousin às culturas sensíveis*. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. São Paulo: Ed. Estampa, 1998, p. 107.

4 Para uma melhor leitura do trabalho resolvemos adotar uma forma de escrita mais próxima da atual. Para tanto, retiramos das palavras algumas letras que não altera o sentido como “ph” substituímos por “f” , dentre outras. Contudo, a acentuação gráfica continua a mesma do início do século. Cf. O ASSEIO das ruas. *A União*, Parahyba do Norte, nº 251, 18 nov. 1920.

5 Ibidem.

6 Para facilitar a leitura do trabalho, quando estiver me referindo a cidade da Parahyba do Norte escreverei Parahyba com HY, quando a referência for o Estado digitarei Paraíba, aos moldes da escrita atual. Outra coisa que o leitor deverá saber é que referências foram modificadas. Assim, mudei a ortografia e a acentuação, porém, não mexi nas construções dos períodos.

7 Para os partidários da teoria miasmática as epidemias eram causadas pelo ar e pela água que quando estagnados eram portadores de emanções fétidas e pútridas. Já para os defensores da teoria microbiana as epidemias eram causadas por vetores invisíveis, germes infecciosos, mosquitos transmissores, bem como objetos, roupas, dinheiro, etc.

8 João Machado era médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Após se diplomado fez concurso para Inspetor Sanitário e, logo em seguida, para ajudante da Diretoria Geral de Saúde Pública. Em 1908 se afastou do cargo de médico de Saúde do Porto do Rio de Janeiro para ser presidente da Paraíba até 1912. Cf. CASTRO, Oscar. *Medicina na Paraíba*. Flagrantes de sua evolução. João Pessoa: A União, 1945. p. 157. Conforme um articulista do jornal *O centro* da cidade de Areia (PB) Machado ainda foi auxiliar de Oswaldo Cruz nos trabalhos de extinção da febre amarela. Cf. SERVIÇO sanitário. *O Centro*. Cidade de Areia. 29 jul. 1911.

9 Gostaríamos de informar ao leitor que o projeto de esgotamento sanitário idealizado em 1913 não teve execução imediata. Isso só veio a ocorrer na década de 1920 como veremos adiante.

10 SANEAMENTO da Capital. *A União*, Parahyba do Norte, nº 180, 19 ago. 1920.

11 KOSSOY, Boris. Estética, memória e ideologia fotográfica. In Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Vol. 6, nº 1-2, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993, p. 13-24.

12 Representação na visão de Chartier são combates ou lutas que se dão entre -ou inter- grupos sociais pela hegemonia de certos comportamentos, idéias, atitudes, etc. Em nosso trabalho veremos os embates entre médicos, engenheiros e donos de estabelecimentos comerciais em torno da salubridade da capital paraibana.

13 As apropriações estão ligadas as formas que as pessoas recebem e fazem uso dos bens culturais que lhe são apresentados. Sendo assim, cada grupo de apropria de maneira particular dos equipa modernos ou mesmo das cenas cotidianas.

Bibliografia

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômico e práticas culturais (1880-1925)*. 2001. 461f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2001.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *A peste e o plano*. 1992.262 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de

São Paulo, São Paulo. 1992.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella. *Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernanda e Marco Aurélio A. de F. Gomes (Org.), Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992, p. 11-26. Ver também BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas. In: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, ano XI, nº 34, 1991.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. BARRETO, Neila Maria Souza. *Água de beber no espaço de Cuiabá: (1790 – 1886)*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2007.

BRITO, Francisco Saturnino de. Saneamento da Paraíba do Norte. In *Obras completas* Tomo V, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

BEGUIN, François. *As maquinarias inglesas do conforto*. In: Revista Espaço e Debate (Revista de Estudos Regionais e Urbanos). São Paulo, ano XI, nº 34, 1991.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco. 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. São Paulo: Ed. Estampa, 1998.

_____. O ar e a ameaça pútrida. In: *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

COELHO FILHO, João Luiz dos Santos. *Respingando a história: o abastecimento d'água da capital*. In: Revista IHGP, vol. 11, João Pessoa, 1948.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CABRAL FILHO, Severino. *Água: desejo, promessa e espetáculo*. In: *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930 – 1950)*. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CZERESNIA, Dina. *Do contágio à Transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epistemológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

CASTRO, Oscar Oliveira. Instituições médicas e de assistência. In: *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: Ed. A União, 1945.

KOSSOY, Boris. Estética, memória e ideologia fotográfica. In *Acervo: Revista do Arquivo 141 Nacional*. Vol. 6, nº 1-2, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

MARTINS, Roberto de Andrade. *Miasmas ou microorganismos?*. In: *Contágio: a história da preservação das doenças*. Disponível em: <http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/contagio/contagio-26.php> . Acesso em 05 de junho de 2008.

_____; MARTINS, Lilian Al-Chueyr. Os miasmas e a teoria microbiana das doenças. In: *Revista American Scientific História*. nº 6, jan de 2008.

ROLNIK, Raquel. História urbana: história nas cidades?. In: *Cidade & História*. Ana Fernandes e Marco Aurélio de F. Gomes (org.), Salvador: UFBA/Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Sonaly Cristina e HELLER, Léo. *O saneamento no Brasil: políticas e interfaces*. 2ª ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.